

CAPÍTULO 12

A LITERATURA COMO ESPELHO: A DISCUSSÃO DO ENVELHECIMENTO NO DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES AUTORAS EM UM PROJETO DE INSERÇÃO SOCIAL

Valéria Augusta da Silva Proença¹;

Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/5900819223694837>

Bruno Leonel Mendes de Abreu².

Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/6432206692028767>

RESUMO: Com base na premissa de que a universidade deve atuar como agente de transformação social frente ao envelhecimento populacional, nasceu o projeto de extensão “Construindo Pontes Literárias: Reflexões sobre o Envelhecimento no Diálogo entre Universidade e Comunidade”, na Universidade São Judas Tadeu. Voltado a discentes de graduação e pós-graduação, a iniciativa elegeu a literatura, com ênfase em narrativas de autoria feminina, como núcleo para discussões profundas sobre o envelhecer. Realizados semanalmente em ambiente virtual, os encontros exploraram a capacidade única da ficção de revelar as camadas afetivas, sociais e existenciais da velhice; dimensões frequentemente simplificadas ou silenciadas. O relato desta experiência evidencia a literatura como espelho crítico e ferramenta pedagógica, capaz de humanizar o debate e construir pontes dialógicas essenciais para uma compreensão mais digna e complexa da velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Universidade. Literatura.

LITERATURE AS A MIRROR: DISCUSSING AGING THROUGH THE DIALOGUE BETWEEN DIFFERENT AUTHORS IN A SOCIAL OUTREACH PROJECT

ABSTRACT: Based on the premise that the university must act as an agent of social transformation in the face of population aging, the extension project “Building Literary Bridges: Reflections on Aging in the Dialogue between University and Community” was born at São Judas Tadeu University. Aimed at undergraduate and postgraduate students, the initiative elected literature, with an emphasis on narratives by female authors, as the core for in-depth discussions on aging. Held weekly in a virtual environment, the meetings explored fiction’s unique capacity to reveal the affective, social, and existential layers of old age; dimensions that are often simplified or silenced. This experience report highlights literature as a critical mirror and pedagogical tool, capable of humanizing the debate and building essential dialogical bridges for a more dignified and complex understanding of old age.

KEYWORDS: Aging. University. Literature.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional configura uma realidade estruturante do século XXI, demandando da sociedade e, em especial, das instituições de ensino superior, a tarefa urgente de desconstruir representações estereotipadas e fomentar uma concepção de velhice que seja ativa, digna e plural (Debert, 2020). É nesse cenário que a universidade é convocada a exercer um papel social transformador, transcendendo sua função tradicional de produtora de conhecimento para assumir-se como agência ativa na construção de pontes dialógicas com a comunidade (Gaviria, 2019)

Foi movida por esta premissa que surgiu o projeto de extensão “Construindo Pontes Literárias: Reflexões sobre o Envelhecimento no Diálogo entre Universidade e Comunidade”, desenvolvido na Universidade São Judas Tadeus para alunos da graduação e pós-graduação.

Este relato tem como objetivo compartilhar a experiência vivenciada na condução deste projeto, que elegeu a literatura de importantes autoras como eixo central para fomentar discussões profundas e sensíveis sobre o processo de envelhecer (Beauvoir, 1990). Partimos do pressuposto de que a narrativa literária (Candido, 2011), especialmente a produzida por vozes femininas, oferece um terreno fértil para explorar a complexidade afetiva, social e existencial da velhice, temas frequentemente silenciados ou simplificados.

Com base no entendimento de que a universidade deve atuar como agente de transformação social (Souza, 2020), este projeto de extensão se propôs a consolidar a extensão universitária como atividade indissociável do ensino e da pesquisa, na medida em que democratiza o acesso à cultura e a literatura e busca com suas ações, aproximar os territórios com a universidade, atuando como um catalisador social que reconstrói a relação entre academia e comunidade. Busca-se fortalecer o tecido comunitário ao fomentar laços de convivência intergeracional e combater a invisibilidade da velhice, promovendo uma imagem positiva e ativa do envelhecer (Debert, 2020) que reverbere entre famílias e estudantes.

Paralelamente, a iniciativa opera uma democratização do acesso à literatura, transformando-a em ferramenta viva de reflexão crítica sobre questões cotidianas; um processo que qualifica a discussão pública e pode influenciar políticas locais. Nesse movimento, a universidade ressignifica seu papel: de instituição distante, torna-se parceira ativa e geradora de ativos culturais tangíveis (Santos, 2006), aspirando legar um território mais integrado, reflexivo e orgulhoso de sua memória coletiva.

Além disso, destaca-se o potencial multiplicador da experiência. Participantes tornam-se agentes das discussões, levando conceitos e reflexões para outros espaços sociais, ampliando organicamente o raio de impacto do projeto e disseminando uma compreensão mais crítica e empática sobre o envelhecimento muito além de seus limites iniciais, consolidando a extensão como prática de diálogo e intervenção social permanente. Esse conceito se ampara e fundamenta no princípio Freireano, em que todos somos sujeitos ativos na aprendizagem na medida em que aprendemos uns com os outros (Freire, 1998),

sem protagonismo de ninguém ou coisa alguma.

A seleção das autoras parte de um pressuposto teórico-metodológico claro: compreender o envelhecimento em sua pluralidade constitutiva, que exige o diálogo entre perspectivas diversas. A literatura, enquanto “direito inalienável” e elemento indispensável para a formação humana (Candido, 2011), apresenta-se como instrumento privilegiado para esse fim. Ela possibilita o alargamento crítico da percepção, desafiando e ressignificando, por meio da força narrativa, as versões reducionistas e anacrônicas que ainda permeiam o imaginário social sobre a velhice. Assim, o corpus literário eleito não é um acúmulo casual de textos, mas uma egrégora deliberada de vozes que, em conjunto, mapeiam a complexidade da experiência de envelhecer.

De mesmo modo, a curadoria das obras pautou-se pelo princípio da diversidade de vozes e perspectivas, priorizando textos que articulam, com profundidade e sensibilidade, as dimensões subjetivas, corporais e temporais do envelhecer (Brandão, 2017). Assim, cada autora compõe uma tessitura singular, formando, em conjunto, um mosaico narrativo que desafia visões reducionistas sobre a velhice.

A justificativa para cada escolha detalha-se a seguir: Clarice Lispector, representada pela carta “A Tânia Kaufmann” e pelo conto “Viagem a Petrópolis”, destaca-se pela captura de epifanias silenciosas e da crise das relações convencionais ante o tempo. A carta constrói um diálogo íntimo sobre desejo, aparência e passagem dos anos, culminando na reflexão: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”. Já “Viagem a Petrópolis” explora, através do abandono e da solidão, como a memória e a percepção temporal se transmutam radicalmente com o envelhecer; Lygia Fagundes Telles, no conto “Boa noite, Maria”, oferece um retrato psicológico agudo do desgaste e da resistência feminina. A narrativa tematiza, com sutileza, o conflito entre a memória de uma juventude vibrante e a realidade de um corpo que envelhece, abordando o medo, a pressão estética e a fronteira tênue entre lucidez e indícios de declínio cognitivo; Djaimilia Pereira de Almeida, em “O Piquenique”, introduz uma reflexão geracional sobre memória e legado. A experiência do piquenique serve como pano de fundo para investigar como o passado é incessantemente revivido e reinterpretado, destacando a transmissão intergeracional de afetos e histórias não resolvidas; Gloria Anzaldúa, no conto-ensaio “Mulher Cacto”, propõe a metáfora do corpo-território de resistência. A figura da mulher-cacto, espinhosa e acumuladora de vida, converte-se em arquétipo para se pensar o envelhecimento feminino não como fragilidade, mas como processo de transformação, potência criativa e beleza não convencional; Simone de Beauvoir, com “Viver sem Tempos Mortos”, opera como síntese teórico-existencial. O título configura um programa ético que narra a urgência de uma existência autêntica, oferecendo um contraponto filosófico direto à ideia da velhice como inércia e convidando à reflexão sobre um envelhecer como ato contínuo de entrelaçamento com a vida.

Se as narrativas de Clarice, Lygia e Djaimilia exploram a temporalidade, a memória e a subjetividade, e se Gloria Anzaldúa e Simone de Beauvoir oferecem ferramentas sobre

fronteiras e existencialismo; Lélia Gonzales articula o eixo sem o qual a análise permanece incompleta: o aspecto racial. Seu conceito sobre o “Mito da Democracia Racial” desloca o centro da discussão, mostrando que a experiência do tempo, do corpo e da memória de uma mulher negra que envelhece é estruturalmente diferente. O envelhecimento, para a população negra, é frequentemente um processo de “ressignificação forçada” dentro de uma sociedade que historicamente nega sua humanidade e velhice digna e nos convoca a refletir sobre as desigualdades e injustiças sociais. Portanto, incluir Lélia Gonzales por meio de falas e textos é completar o mosaico interseccional, na medida em que Gonzales demonstra como raça e colonialidade interseccionam com ambos, criando uma experiência específica do envelhecer enquanto reforçam o quão plural e diverso pode ser o envelhecimento dentro de uma mesma cidade.

O Projeto de Extensão dedicou-se a descolonizar o próprio conceito de velhice, questionando criticamente quais corpos são socialmente autorizados a envelhecer com visibilidade e dignidade. Para além de uma abordagem universalizante, a iniciativa incorporou intencionalmente as velhices LGBTQIAPN+, reconhecendo suas especificidades à luz da perspectiva interseccional de gênero (Butler, 2018; Collins, 2022). Essa inclusão transformou o espaço do projeto em um lugar de denúncia e reexistência, no qual a literatura foi mobilizada como instrumento político e afetivo para combater o duplo apagamento que atinge essas trajetórias: o apagamento pela idade e o apagamento pela dissidência de gênero e sexualidade. Dessa forma, o projeto afirmou-se como uma prática que contesta as normas regulatórias do envelhecer (Butler, 2018), valorizando vozes sistematicamente excluídas do imaginário social coletivo e instrumentalizado.

Ao longo deste relato, descreveremos o percurso metodológico que orientou a ação extensionista, analisando tanto os desafios quanto as conquistas inerentes ao processo de mediação dialógica da leitura (Freire, 1989). Por fim, refletiremos sobre a dupla função da literatura neste projeto: ela atuou simultaneamente como espelho crítico para os participantes, reverberando em suas trajetórias e experiências de vida, e como instrumento de formação reflexiva para nós, docentes, permitindo repensar e ressignificar nossa própria prática educativa à luz dos encontros gerados.

OBJETIVO

Este projeto constituiu um espaço dialógico e formativo ancorado na literatura, tendo como eixos centrais a democratização do acesso à cultura letrada e o diálogo intergeracional para uma reflexão crítica e sensível sobre o envelhecimento. Seu propósito foi duplo: ampliar o repertório e ressignificar a percepção dos participantes acerca das múltiplas experiências da velhice, desconstruindo estereótipos; e, de modo estruturante, colaborar com a formação humanística e ética dos discentes extensionistas. Dessa forma, a iniciativa visou gerar um impacto transformador em duas frentes: junto à comunidade, fomentando a troca de saberes e o reconhecimento de narrativas historicamente silenciadas; e no âmbito acadêmico, colaborando para a formação de profissionais mais reflexivos e socialmente

comprometidos, capazes de atuar com práticas restaurativas e de enfrentamento ético, assim como mediadores culturais propositivos em seus campos de atuação.

METODOLOGIA

Como proposta acadêmica de base qualitativa, o Projeto de Extensão estruturou-se metodologicamente em Círculos de Cultura (Freire, 1987), organizados em oito encontros semanais no formato online. No primeiro encontro, realizou-se uma investigação prévia dos saberes literários dos participantes, mapeando repertórios, afinidades e lacunas, a fim de calibrar mediações e estabelecer um ponto de partida comum para o diálogo. Cada encontro subsequente assumiu o formato de Roda de Conversa e leitura mediada. A dinâmica iniciava-se com a leitura performática de um conto, compartilhado previamente (Carlberg et al., 2021), realizada pela docente para criar imersão literária. Em seguida, a mediação conduzia o grupo à discussão por meio de perguntas abertas que estimulavam a dialogicidade entre texto e vivência, tais como: “O que essa personagem nos faz sentir?” e “Como essa história conversa com a nossa própria experiência de envelhecer?”. Nesse processo, os participantes desenvolveram competências formativas cruciais, como escuta ativa, pensamento crítico na análise literária e capacidade de relacionar textos literários com contextos sociais, históricos e humanísticos. Essas rodas rapidamente se transformaram em espaços de confiança, apoio e escuta, onde os participantes, de diferentes idades, trajetórias e formações, compartilharam experiências profundamente pessoais, com relatos sobre a solidão, pressão estética sobre o corpo que envelhece, desafios de envelhecer sendo pessoa LGBTQIAPN+, enquanto estratégias de resistência afetiva emergiram naturalmente, tecendo um painel vivo da pluralidade do envelhecer (Butler, 2018).

Aliteratura atuou como disparadora e espelho, permitindo que vivências, experiências, desejos, medos e anseios fossem nomeados e coletivizados. Essas trocas promoveram uma visível ampliação do repertório sociocultural de todos (Souza, 2003), desafiando a ideia de uma velhice única e apresentando-a, na prática, como uma experiência interseccional, plural e diversa, marcada por gênero, raça, classe e sexualidade.

Paralelamente, também foi proposta uma atividade de escrita reflexiva na qual os participantes endereçavam uma carta à sua própria versão idosa no futuro, um exercício de projeção e reconciliação com o próprio tempo. E como atividade final avaliativa e de síntese, foi solicitada a produção de um ensaio pessoal-reflexivo. Neste, os participantes articulavam as leituras realizadas, os debates dos encontros e suas trajetórias, para construir uma análise crítica sobre suas percepções acerca do envelhecimento. A proposta visava consolidar o aprendizado, transformando a experiência do círculo em produção autoral e conhecimento sistematizado.

Assim, a metodologia moveu-se em três camadas complementares: a investigação prévia dos saberes, leitura e discussão dialógica experiencial, e escrita reflexiva (Freire, 1987), ao longo de oito encontros que funcionaram como um percurso formativo integral. Esse desenho permitiu que o projeto extensionista transcendesse a discussão teórica para

se tornar uma prática de formação humanística, na qual a literatura cumpriu o papel de mediadora cultural e ferramenta de apropriação narrativa sobre o próprio envelhecer, ao mesmo tempo que consolidou competências acadêmicas, éticas e políticas essenciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos discursos e interações ocorridas nos encontros revelou que a experiência literária funcionou como um dispositivo de ressignificação da percepção sobre o envelhecimento (Machado, 2022). Os participantes, inicialmente voltados para a análise textual, gradualmente transitaram para um regime de reconhecimento e projeção afetiva, no qual as narrativas operaram como verdadeiros espelhos dialógicos de suas próprias histórias familiares. Nesse processo, emergiram relatos profundamente significativos sobre as vivências de avós e pais que envelheceram – alguns marcados pela dignidade e resiliência, outros pela solidão e pelo abandono. Tais experiências, até então naturalizadas ou pouco questionadas, foram revisitadas criticamente à luz das problematizações suscitadas pelas obras em Rodas de Conversa (Simone Carlberg *et al.*, 2021). A mediação entre a literatura e a memória pessoal permitiu que os participantes não apenas recontassem, mas reinterpretassem suas relações com os modos de envelhecer. Como nos orienta Mucida (2009), a velhice é uma escrita que nunca cessa, que se constrói e reconstrói no tempo, cujas linhas são inscritas no corpo, nos afetos e nos vínculos e se acumula como trilha na nossa memória e na nossa identidade. Cada gesto, cada esquecimento e cada permanência compõem essa narrativa que não se encerra, mas ganha novas formas à medida que avançamos no ciclo da vida.

Compreender o envelhecimento como processo narrativo implica reconhecer que aquilo que chamamos de velhice não surge apenas no fim da vida. Esse processo se inaugura no cotidiano, na forma como significamos as mudanças, perdas e permanências que nos atravessam. Mucida (2009) lembra que envelhecer implica aprender a habitar as dobras do próprio tempo, acolher marcas que compõem nosso percurso e permitir que essas marcas possam narrar outras versões da nossa história. Portanto, a velhice se apresenta como campo de produção de sentidos, onde passado e presente dialogam e se tensionam para criar modos de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se uma mudança de perspectiva substantiva: o envelhecimento passou a ser compreendido não apenas como um processo biológico inevitável, mas como uma construção social complexa, profundamente influenciada por estruturas de cuidado (ou sua ausência), vínculos afetivos e, sobretudo, pelas possibilidades de escolha, estas últimas entendidas não como privilégio, mas como direito a ser garantido. O espaço da Roda de Conversa mostrou-se, portanto, um território ético e pedagógico no qual as experiências individuais foram validadas como fontes legítimas de conhecimento e, ao mesmo tempo, problematizadas coletivamente (Brandão, 2017).

O envelhecimento acompanha cada pessoa desde o nascimento e se inscreve também por linhas incertas, quase invisíveis, sobre as quais tantas vezes nos perdemos, mas que jamais cessam. O percurso humano se compõe como um mesmo livro com múltiplas versões e com um final que permanece sempre aberto. A memória atua como escrita que caminha com a vida, habitando lembranças, escolhas, imagens, corpo, sexualidade, amor e tantos outros afetos que definem o modo singular de existir. Cada sujeito escreve, lê, rememora e traduz a própria história sob a marca de um estilo único, arranjo particular das letras recebidas ao longo do tempo. A velhice constitui exatamente essa escrita do singular, como afirma Mucida (2009), uma obra contínua em que cada dobra da vida revela novas leituras possíveis de si.

A literatura, nesse contexto (Lajolo e Zilberman, 2020), cumpriu um duplo movimento: iluminou o particular (as histórias de vida) e, a partir dele, ampliou e expandiu o olhar para o estrutural, incentivando uma compreensão mais politizada e humanizada do envelhecer.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão; Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CARLBERG, Simone et al. A leitura em voz alta como dispositivo de acolhimento e criação de vínculo em grupos terapêuticos. **Revista Brasileira de Psicologia Clínica**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 45-58, 2021.
- COELHO, Nelly Novaes. **Clarice Lispector: A Narradora do Indizível**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 2. ed. Tradução: Jamille Pinheiro. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DEBERT, Guíta Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999. 272 p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAVIRIA, Alejandro. O papel social da universidade no século XXI. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; NOGUEIRA, Maria Alice (Orgs.). **Novos caminhos da extensão universitária**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 87-105.

GONZALEZ, Lélia. Envelhecer como mulher negra e periférica. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 217-223.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2020. 468 p.

MACHADO, Maria Clara. **Literatura e envelhecimento: narrativas que (re)inventam a vida**. São Paulo: Editora Appris, 2022.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: Para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. 2. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.